

Anexo VI – Primeiro tratamento da entrevista à educadora cooperante

PRIMEIRO TRATAMENTO À ENTREVISTA DA EDUCADORA COOPERANTE

[Formação académica]

(...) A minha formação é em educação de infância (...) [tempo de serviço docente] tenho 16 anos de serviço (...) a minha formação inicial foi no Brasil (...) um curso de pedagogia (...) quando vim (...) para Portugal (...) [pedi] a minha equivalência na Universidade do Algarve (...) fiquei com o bacharelato (...) fiz (...) complemento em necessidades educativas especiais (...) agora tenho licenciatura em educação de infância.

[Momentos mais marcantes na profissão]

(...) não existem momentos mais marcantes que outros (...) é sempre tudo marcante de uma forma ou de outra (...) todos os dias acontece alguma coisa que nos preenche mais (...) nos faz refletir, pensar na nossa prática e faz nos pensar enquanto pessoas, se estamos a dar o nosso melhor. As crianças ensinam muitas coisas (...) marcante para mim é observar que ao longo destes anos todos de prática nunca é igual, cada ciclo que eu fecho e recomeço (...) noto que quando termino esse grupo, “apanho” outro grupo que é completamente diferente e a minha prática tem de ser diferente (...)tenho que estar atualizada (...) tenho de ir ao encontro das necessidades desse grupo (...) as necessidades das crianças de agora são completamente diferentes das crianças, que tive há dez anos (...) é importante estar sempre atualizada (...) fazer formações e estar por dentro de tudo o que há de novo, porque se não, ficamos desatualizadas em relação as crianças. (...) Estamos aqui para fazer um trabalho mesmo nesta área de formação pessoal e social em que temos de respeitar realmente as necessidades deles. E, de ano para ano, as gerações estão a mudar. Mudam mentalidades, mudam valores e nós temos de ter uma mente aberta para isso e eu não posso pensar da mesma maneira que eu pensava há dez anos atrás, de maneira nenhuma, e a atitude, o procedimento, a relação com a família, a relação com as crianças é completamente diferente de grupo para grupo.

[Os valores educativos que defende]

(...) valorizo muito a formação pessoal e social (...) acho que nós, enquanto educadoras temos (...) de fazer parte da nossa própria formação, a ideia de pensar que estamos a formar outros seres humanos, cidadãos conscientes, que respeitem, em relação ao outro, e que aceitem o outro como ele é realmente, com uma autoestima positiva, que tenha uma afetividade aberta, que sejam expressivos, que sejam livres para poderem expressar e ao mesmo tempo também manter o respeito, que haja equilíbrio (...).

[Educação para os valores nos dias de hoje]

(...) nos dias de hoje (...) a educação tomou um rumo diferente, a mentalidade do país e da sociedade também está diferente e às vezes é deturpada um bocado entre o que é a disciplina e o que é a rigidez. (...) podemos ser disciplinados sem sermos autoritários, com firmeza (...) as crianças são muito mais ativas hoje, pensam muito mais e têm uma capacidade de assimilar e de aprender as coisas muito mais facilmente do que era antes (...) acho que eles são muito mais mentais e nós temos que trabalhar isso tudo, as emoções, o respeito, o controlo (...).

[Trabalho desenvolvido com os pais]

(...) Os pais devido ao trabalho e à vida pessoal acabam por delegar um bocado à escola essa função de disciplinar e de impor regras, só que, depois, se em casa não há uma continuidade nós fazemos um trabalho e não tem resultados. (...)

(...) Por isso, nesse sentido eu também acho que é muito importante (...) de trabalhar os valores humanos e acima de tudo, o respeito pelo outro e por ele próprio e isso só vai acontecer se nós formos o exemplo disso e trabalharmos isso (...) é se os pais em casa não fazem nada, no tempo que eles estão aqui eu vou dar o meu melhor, eu vou exigir, porque depois, bem ou mal, a sementinha vai lá ficar, porque o trabalho que fazemos aqui (...) na Instituição, é mesmo trabalhar com os pais esses valores, de participação, de respeito uns pelos outros, de respeito pelas próprias famílias (...) nós

temos de ver cada família no seu contexto de vida, não posso estar a exigir que uma família que tenha um ritmo tenha o mesmo tipo de maneira de estar, que outra família.(...) respeitando a cultura, respeitando a maneira de ver das pessoas, e bem como até à própria formação pessoal de cada família. Nós temos que adequar, não podemos generalizar todos, mais ir ao encontro da individualidade de cada um (...) para que todos levem para casa os mesmos valores. (...).

(...) agora o que importa é que nós trabalhemos e, depois, em casa, eles vão dando, e acabam por dar, e eu tenho esse feedback dos pais (...) os pais vêm fazer comentários de uma expressão qualquer que nós utilizamos ou uma situação de um conflito como é que é resolvida (...) e tentamos sempre resolver, acima de tudo, com os valores e respeito pelo outro (...) eles acabam por levar isso para casa (...) os pais acham giro porque às vezes, nem se quer pensaram nessa forma de trabalhar com eles em casa, porque às vezes, ou ignoram, ou incentivam, as práticas que não são de respeito para com o outro (...) a tendência é: “olha se te bateram, bate também, não deixes que te façam mal” (...)

(...) Nós não queremos que sejam vítimas de ninguém, mas também não queremos (...) que comecem a bater uns nos outros, que a agressividade seja uma forma de ter a autoestima elevada (...) temos de trabalhar a autoestima para que a criança saiba defender-se sem ser agressiva (...) os pais (...) nem todos (...) têm esse conhecimento e, depois, com a vida diária, com o stress, com a correria do dia-a-dia sobra pouco tempo para terem esses momentos (...) de reflexão familiar (...) porque se nós somos modelos, em casa os pais são os verdadeiros modelos (...) em casa veem os pais terem. Se as pessoas são mais permissivas, se são mais autoritárias, se mais indulgentes ou não, eles mostram isso e nós, aqui, tentamos mais ou menos moldar, vamos por a nossa sementinha.

[Metodologias privilegiadas pela educadora]

(...) eu não acredito numa metodologia (...) temos de buscar um bocadinho de cada uma e aplicar o que há de melhor em todas (...) buscar um bocadinho do que há

de melhor em tudo, para haver uma unificação um equilíbrio, uma harmonia, porque eu não acredito numa metodologia só, não acredito. (...)

(...) Eu adoro o método Montessori, adoro o MEM, acredito muito no método Piaget, só que não vou buscar um método só. Tento aplicar no meu dia a dia um bocadinho daquilo que eu sei que é coerente e que se vai adaptar ao grupo de crianças que eu tenho. (...)

(...) tentamos o máximo possível dar a conhecer as coisas em vivência verdadeira. Gosto de trabalhar a partir dos interesses das crianças (...) portanto não sigo nenhum método específico. (...)

[A importância atribuída à formação pessoal e social em idade pré-escolar]

[o papel da educadora]

(...) é fundamental trabalhar com eles a formação pessoal e social, Este grupo em específico são crianças extremamente afetivas, onde tudo que se lhes dá absorvem...nesse caso os valores vão entrar com certeza (...) a minha preocupação é que eu tenha um grupo de crianças, que tenham e que vivam em harmonia, que saibam partilhar, que saibam ser solidários, que saibam ver o mundo de uma maneira melhor, (...) e que contribuam para que esse mundo seja melhor. (...) eu quero que eles levem, num futuro próximo, bases para poderem ser pessoas responsáveis, pessoas que sabem aquilo que querem e com uma autoestima positiva, com respeito para com o outro. (...) e para que eles sejam felizes, porque uma pessoa que tenha equilíbrio, harmonia com o outro, tem com ela própria, aliás tem que ter com ela própria em primeiro lugar para conseguir transmitir ao outro. (...)

(...) como é um grupo muito afetivo, mais facilmente eu posso trabalhar esses valores, porque quanto mais afetivos são mais facilmente consegues entrar no coração e falar mesmo de igual para igual, fazê-los sentir na pele (...) aquilo que realmente é importante e, obviamente, quando a gente se sente bem querer dar ao outro esse sentimento...se nós nos sentimos bem, temos um bem-estar (...) com o passar dos anos se mantivermos essa postura, somos pessoas que vemos a vida de uma maneira

*positiva, pessoas que vamos ter sucesso no futuro, numa vida profissional, porque não vamos ser inseguros, nem vamos ter medo, vamos ser pessoas que sabemos lutar por aquilo que queremos, não vamos desistir pelo caminho, são pessoas, que a princípio, por terem respeito ao outro, vão ficar quase impedidos de más práticas e vícios, porque já sabem o mal que fazem a eles próprios e à sociedade, em que vão estar inseridos.
(...)*

[Conceções da educadora sobre a educação para a cidadania]

(...) é mesmo educar para que possamos ser melhores pessoas num futuro próximo, para que a nossa sociedade deixe de ser uma sociedade de consumo e seja uma sociedade de amor ao próximo e de respeito pela natureza. É que o planeta precisa mesmo, porque uma coisa puxa a outra, uma pessoa que tem uma educação para a cidadania tem respeito por tudo o que existe à sua volta tem respeito pela natureza, tem respeito pelo próximo, tem respeito por tudo isso faz com que o nosso planeta tenha uma sustentabilidade muito maior. (...)

(...) eu tendo uma visibilidade de uma educação para a cidadania, eu vou ter cuidado como eu trato uma pessoa, eu vou ter cuidado como eu trato um animal, eu vou ter cuidado como eu trato a própria natureza porque sei que dependo dela para viver (...) para eu ter qualidade de vida, tenho que ter um local onde viver, um ambiente saudável e para que ele seja saudável eu tenho de contribuir para isso, porque afinal eu é que estou a usufruir.(...)

(...) Se eu não contribuir, não vou receber nada em troca e é nesse sentido que para mim é muito importante que as crianças aprendam a respeitar e a valorizar tudo o que têm à volta e isso só acontece quando nós gostamos de nós próprios, se nós gostarmos de nós próprios vamos querer o melhor para nós, e ao querermos o melhor para nós fazemos o melhor para o nosso mundo.

[Valores cívicos] [competências que a educadora pretende desenvolver nas crianças]

(...) Os valores são esses: de partilha, de amor próprio, solidariedade, fazer com que respeitem a si mesmos, obviamente que tudo o resto vai aparecer. As competências são precisamente estas. (...)

(...) Se eu perceber que essa criança ao longo e no final de um ano já consegue por ela própria, impor os seus limites, controlar-se em determinadas situações, já percebi que não é através da parte física que vai resolver as suas questões, os seus conflitos. Chega ao final do ano e já consegue ter a sua autonomia na maneira de resolver as coisas, para mim já tem muito valor, é um dos valores que eu observo (...) essas competências são vistas no dia a dia, todos o dias nós acabamos por estar a avaliar esse tipo de comportamentos, e o feedback dos pais em casa, é importante que os pais venham nos dizer os comentários que eles fazem, a importância que dão a algumas coisas, a mudança. Por exemplo, para mim uma criança que hoje não valoriza as plantas que tem em casa, que depois chega um certa altura e começa a dizer que rega, que cuida... é gratificante para mim, também, eu saber que, por exemplo, a nível da reciclagem que uma criança preocupa-se em chamar a atenção aos pais, porque veem que os pais não estão a fazer, por exemplo, este tipo de trabalho. Como eu já tive feedback dos outros anos, de crianças chamarem a atenção...por exemplo, não gostassem que os pais fumassem e explicarem e argumentarem aos pais o porquê de não fumar, ou outras, por exemplo, que começam a ver as pessoas a atirarem coisas para fora da janela do carro e estão a sujar a cidade e contribuem para a poluição. É também importante para mim saber que eles depois interiorizam...como o nosso trabalho incide sobre a sustentabilidade do planeta, o fundamental é que eles comecem, depois, a dar provas daquilo que têm levado daqui.

[A importância atribuída pela instituição à educação para os valores]

(...) Quando nós temos como objetivo de trabalhar a sustentabilidade do planeta o que realmente queremos é respeitar a natureza e respeitar o planeta para que esse planeta possa ter uma sustentabilidade e que, a partir de agora, comecemos a ter uma qualidade de vida melhor e deixar para o nosso futuro (...) um mundo muito

melhor e saudável, e que as pessoas possam ser felizes, tenham saúde, tenham dignidade, tenham as mesmas oportunidades, que não haja tanta injustiça, que não haja tanta desigualdade, que haja mais respeito e amor entre as pessoas.

[A intencionalidade educativa na formação pessoal e social]

(...) estamos a passar por uma crise de valores sociais muito grande (...) cada vez mais as pessoas lutam para obter bens materiais e esquecem-se do que é fundamental, não ligam aos pormenores, não ligam aos detalhes da vida, que é o que efetivamente nos faz feliz. (...)

(...) às vezes, nós estamos preocupados mais com o TER do que do SER, no sentir (...) A nossa preocupação é essa, é mesmo que as crianças que estão aqui na instituição possam vir a começar a dar mais importância também ao sentir, do que só ao ter, e ser gratas por aquilo que têm e terem vontade de ter, mas sem competitividade, sem aquela ambição desmedida (...)

(...) E o que nós queremos é (...) pessoas e cidadãos felizes e que se aceitem e que gostem de eles próprios e que gostem do meio em que vivem, que possam transmitir isso aos seus e que, de geração em geração, isso se vá tornando cada vez melhor. (...)

[A escolha da Carta da Terra para desenvolver a formação pessoal e social]

(...) A escolha da Carta da Terra foi em primeiro lugar porque nós nos identificamos com os valores de Carta da Terra. (...)

(...) E como nós nos identificamos com esta problemática, a carta da terra (...) tem tudo a ver com aquilo que nós acreditamos na nossa instituição. Eu, particularmente (...) acredito piamente no que diz a carta da terra, acho que é louvável que tenha sido feita a carta da terra, principalmente para as crianças, porque é uma forma de poder trabalhar isso tudo e apostamos em trabalhar, porque o objetivo do nosso projeto (...) tem tudo a ver com a sustentabilidade do planeta e com o objetivo final de sermos todos felizes de alguma forma (...) e estarmos numa sociedade mais

justa, mais igualitária, uma sociedade (...) em que os valores e amor possam ser a coisa mais importante.

[Estratégias e atividades desenvolvidas pela educadora para transmitir valores cívicos]

(...) aproveita-se todas as situações do quotidiano, não há momentos específicos para isso, em todos os momentos desde que a criança chega à escola, desde o bom dia que se dá a uma criança, desde um abraço no momento em que ela está a precisar de colo, desde o envolvimento que se tem com as famílias, desde do momento em que eles estão a brincar no recreio...na hora da refeição, na hora da higiene que é feita, nos momentos das atividades, em todos os momento nós trabalhamos esses valores, não existe um momento específico para se trabalhar (...) quando se fala em formação pessoal (...) nós trabalhamos a todo o minuto (...) desde o momento em que eles põem os pés na escola. É como eu digo, desde do “bom dia” que se dá com um sorriso, já está a transmitir alguma coisa de bom a alguém, um beijo, sentir que se é amada, sentir que se é bem recebida.(...)

(...) Proporcionar a essa criança um bom dia, livre de rejeição, livre de opressão... isso já é um princípio. Portanto, não tem um momentos específico, todos os momentos são momento para trabalhar esses valores, ao longo do (...) dia.